

# Graduação em cinema na UnB está correndo perigo de vida

Enquanto o GDF promove a solenidade de instalação do Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília, que deve movimentar até o final de 1992 recursos da ordem de 15 milhões de dólares, o curso de cinema da UnB, o primeiro implantado no País em

nível universitário, corre risco de vida. Com apenas três professores dando aula atualmente, o curso já está com o acesso de novos alunos bloqueado. Diante do quadro, professores e alunos começam a se indagar sobre que destino pode ser dado ao curso ao mesmo tempo em que Brasília vira um centro produtor de cinema e vídeo.

O primeiro passo foi dado pelo professor José Luís Braga, ex-diretor da Faculdade de Comunicação, à qual está vinculado o curso de cinema — dentro do Departamento de Audiovisuais e Publicidade. Ao deixar o cargo de diretor, José Luís elaborou um projeto de reformulação curricular de todos os cursos da Faculdade, exceto o de cinema:

“É uma proposta de reforma dentro do currículo mínimo atualmente em vigor. Não se presta ao curso de cinema porque já existe um consenso entre os professores de todos os cursos de cinema do País sobre a necessidade

## CURSO

de uma reforma radical no currículo mínimo, o que já é uma coisa a longo prazo”.

No entanto, pronto o projeto, José Luís Braga começou a avaliar a situação do curso de cinema da UnB e daí formulou uma proposta: a extinção do curso de nível de graduação e a criação de um Mestrado profissionalizante na área de cinema. “O Mestrado profissionalizante é uma idéia cada vez mais aceita no meio universitário. Seria um curso voltado para o fazer cinema, sendo que o aluno já deveria chegar com algum **background** na realização de filmes, ficando por sua vez livre de um currículo mínimo”.

Entre as vantagens apontadas por José Luís Braga, está a maior facilidade de captação de recursos para a realização de filmes dentro do curso, coisa que há anos não se faz na UnB. “Ao mesmo tempo, é um curso me-

nos escolar, mais prático e com maior flexibilidade no número de vagas, que pode variar conforme a demanda”.

A proposta de José Luís Braga, no entanto, não foi bem recebida pelo professor Marcos Mendes, que ministra as disciplinas *História do Cinema*, *Cinema Brasileiro*, *Análise do Filme* e *O Documentário*, ele próprio um ex-aluno do curso de cinema da UnB. “Isto para mim significa acabar com o curso de cinema. Se querem organizar um curso de cinema em nível de Mestrado, ótimo, mas que isso não exclua o curso de Graduação”.

Marcos lembra que foi ele próprio quem sugeriu o bloqueio da entrada de novos alunos no curso: “Para que pudéssemos arrumar a casa”. Segundo ele, o currículo velho é problemático porque não define exatamente qual o profissional que vai formar — “se um

fotógrafo, um montador, um diretor”. Sua expectativa, portanto, é de que se chegue a um consenso sobre o melhor currículo, que seria implantado em caráter experimental para então ser posteriormente aprovado pelo MEC.

Para a aluna Ana Heloísa, que se forma este semestre, não resta dúvida de que o curso precisa urgentemente ser repensado: “Se continuar do jeito que está, fatalmente será extinto como foi o curso de Relações Públicas há alguns anos atrás”. A mesma coisa pensa outro aluno, Luciano Rodrigues, que nem é do curso de cinema, mas já cursou quase todas as disciplinas da área e atualmente está se formando em Rádio e TV: “É um curso que não te dá garantia de nada. No currículo existem disciplinas que não são oferecidas em nenhuma faculdade da UnB”.

■ Cesar Mendes